

Ernesto Bozzano

Remontando as Origens

Ernesto Bozzano - En remontant aux Origens

“Jonathan Koons et sa “Chambre spirite”

“Dr. J. Larkin”

(1852 - 1856)

Obra Editada na França (1925)



ebook Espírita

www.ebookespirita.org

Conteúdo resumido

A monografia denominada “Remontando às origens” Bozzano narra as dramáticas histórias de dois homens, desconhecidos de muitos, que se dedicaram à propaganda da realidade dos fenômenos espíritas. Jonathan Koons e J. Larkin entraram para o rol dos mártires do Espiritismo, por ter sido submetidos, juntamente com suas famílias, a toda espécie de agressões materiais e morais devidas à ignorância e o fanatismo de civis e religiosos.

Sumário

PRIMEIRA PARTE – Remontando às origens.....	2
1 – O caso Jonathan Koons	2
Apêndice dos editores sobre o caso Jonathan Koons.....	20
2 – O caso J. Larkin.....	29

PRIMEIRA PARTE

Remontando às origens

1

O caso Jonathan Koons

Na vida moderna, tão febril e agitada e na qual tudo muda, se transforma, progride ou degenera sem cessar, o tempo faz-nos eventualmente voltar o pensamento ao passado, para lembrar, com sentimentos de reconhecimento, os nomes de tantos obscuros trabalhadores da inteligência que contribuíram, coletivamente, para criar este meio ambiente de cultura e de bem-estar que nos torna tão orgulhosos. Estas reflexões melancólicas, embora expressas em termos gerais, podem ser

atribuídas a todos os ramos do saber humano, mas limitar-me-ei aqui a aplicá-las em relação ao movimento espiritualista atual.

Neste domínio, com efeito, bem poucos pesquisadores se dão conta da necessidade de remontar, de tempos em tempos, às origens, comparando os resultados de hoje com aqueles a que chegaram os primeiros investigadores. E essa negligência não é apenas lastimável quanto aos que muito trabalharam e sofreram pela causa da Verdade; ela é mais deplorável ainda porque prejudica a evolução normal das doutrinas metapsíquicas.

Com efeito, nota-se muitas vezes que algumas das conclusões mais importantes a que chegamos em nossos dias e que parecem o resultado do nosso saber evoluído, já tinham sido alcançadas por nossos bravos pioneiros de há setenta anos.¹ Da mesma forma, encontram-se freqüentemente, nas atas de suas experiências, tentativas cheias de interesse e de originalidade dignas realmente de serem tiradas do esquecimento para que se possa renovar-lhes a aplicação.

Pensei então em fazer uma exposição crítica das pesquisas experimentais executadas em alguns dos numerosos “círculos” que se sucederam nos primeiros dez anos do movimento espiritualista, começando pelo “círculo” de Jonathan Koons, um homem que recebeu a paga do seu devotamento admirável ao serviço da nova Ciência da Alma com a sua própria ruína moral e financeira, o que constitui o destino de tantos precursores.

Creio útil indicar que as citações e os resumos das atas que aparecem neste trabalho foram tirados, na maior parte, da interessante obra histórica de Emma Hardinge-Britten *Modern American Spiritualism* (1870), de um ano muito raro da revista *The Spiritual Telegraph* (1853) e, em pequena parte, também do livro do prof. Robert Hare, *Experimental Investigations* (1855), bem como do primeiro volume da obra de Frank Podmore *Modern Spiritualism* (1902).

Jonathan Koons era proprietário de uma modesta mas próspera granja, situada num distrito montanhoso do Condado de Athens, no Ohio, a 72 milhas de Columbus, a capital do Estado. Era pai de oito filhos e, até o começo do ano de 1852, a sua

tranqüila existência decorrera absorvido inteiramente pelos seus deveres de pai e pelos cuidados da sua granja. No ponto de vista de religião, a sua mentalidade, essencialmente submetida à razão, se tinha revoltado cedo contra a imposição, pela fé de certos dogmas ultrapassados e absurdos e, oscilando de uma revolta à outra, caíra finalmente em um ateísmo absoluto.

Entrementes, as famosas manifestações mediúnicas de Hydesville se tinham produzido graças à mediunidade das irmãs Fox e várias famílias dos arredores haviam organizado “círculos de experimentação” com o fim de obter manifestações análogas. Uma família amiga de Koons havia tentado, por sua vez, a empresa, com bons resultados, e, certa noite, Koons deixou-se arrastar a uma dessas sessões. As manifestações às quais assistiu não foram de grande importância, mas ele voltou a casa com a convicção de que as batidas (*raps*), de natureza inteligente, que ouvira não eram obra da ingênua mocinha que desempenhava a função de médium.

Convidado para ir a outros “círculos”, ficou surpreso ao ouvir repetir por todas as personalidades mediúnicas ² que ele, Koons, possuía faculdades mediúnicas. Certa vez ouviu mesmo declarar, sem reboços, que ele era o médium mais poderoso de sua época, que um dos seus filhos também era médium e que todos os membros da sua família eram sensitivos. Constituiriam excelentes elementos para as manifestações espíritas. O bom do granjeiro acolheu a espantosa notícia com uma explosão de riso, mas se deixou convencer a tentar a prova de sua mediunidade, formando um grupo familiar. A experiência teve um êxito de modo a autorizar toda a esperança, e mais do que isso, de acordo com as declarações das entidades comunicantes, verificou-se que um dos filhos de Koons, chamado Nahum, de 18 anos de idade, caía em transe, escrevia automaticamente e falava por inspiração.

Eis em que termos se exprimiu o próprio Jonathan Koons a respeito das suas primeiras experiências:

“Obtivemos as manifestações mais notáveis e de maior força que se produziram em todo o distrito, apesar do que, no que me dizia respeito, não chegava a convencer-me de

que essas manifestações eram obras de “espíritos desencarnados”, continuando a atribuí-las à “eletricidade” e à “biologia”. Não podia adaptar-me à idéia da sobrevivência da alma. Reconhecia que certas manifestações eram maravilhosas, admitia não poder explicá-las, concordava em que entre elas havia algumas muito belas e elevadas, mas permanecia, assim mesmo, atormentado pelas dúvidas e seguia céptico, ao passo que a minha família e os meus amigos se pasmavam, ao contrário, de admiração, diante das comunicações angélicas que havíamos obtido.

Certo dia, finalmente, por meio da mediunidade de meu filho, as personalidades mediúnicas me disseram para construir, no jardim, um quarto de madeira, destinado exclusivamente às experiências, assim como uma mesa especial, tudo conforme planos e desenhos que me forneceria. Depois disso eu poderia obter todas as provas que desejava, de modo a convencer centenas de pessoas, cépticas como eu, a respeito da existência e da sobrevivência da alma.

Decidido a ir ao fundo do mistério, pus-me à obra e construí, no jardim, uma sólida cabana de madeira, assim como a mesa, seguindo escrupulosamente os planos fornecidos. Depois disso, sempre conforme as instruções recebidas, coloquei papel e lápis sobre a mesa; fechei à chave o quarto, cuja porta selei, depois do que me pus em guarda diante dela. Decorrido o tempo fixado, abri-a e entrei, quando então achei as folhas de papel cheias de uma longa mensagem a mim dirigida e que continha ensinamentos, conselhos, promessas encorajadoras, censuras amáveis ao meu cepticismo e ainda provas íntimas e eloqüentes que demonstravam que essa mensagem provinha de uma inteligência espiritual sábia e elevada.

Prossegui, durante várias semanas, nessas experiências, reunindo um número considerável de comunicações obtidas no silêncio e o mistério de meu “quarto espírita”, sem a menor possibilidade de qualquer intervenção humana. Não é, pois, de surpreender que o meu inveterado cepticismo

desaparecesse pouco a pouco e que as minhas perplexidades houvessem acabado por se transformar na certeza inabalável de que me achava nas mãos de uma falange de entidades espirituais sábias, poderosas e elevadas. Certo dia, os “invisíveis” ditaram uma lista de instrumentos de música e outros artigos que eu deveria procurar para colocar no quarto, de acordo com as instruções que me seriam dadas...”

É preciso acrescentar que o fenômeno da “escrita direta”, do qual se pôde ler a descrição, tornou-se, em seguida, o mais habitual nesse círculo de experimentadores e que a maior parte do tempo, quando ele se produzia, todas as pessoas podiam observar a mão espiritual, fosforescente, que grafava a mensagem com prodigiosa rapidez.

Adicionarei, para a história, que, nos anais das manifestações mediúnicas, era a segunda vez que se obtinha o fenômeno da “escrita direta”. Esse fenômeno já se tinha verificado pela primeira vez, em plena luz, em 1850, na casa do Hon. James F. Simmons, Senador dos Estados Unidos da América para o distrito de Rhode Island.

Antes de prosseguir na exposição das outras manifestações obtidas no “círculo” de Koons, preciso dizer uma palavra sobre a natureza das personalidades mediúnicas graças às quais elas se produziram, explicações fornecidas por elas próprias relativamente às condições em que produziam os fenômenos e as posteriores instruções dadas para facilitar a sua realização.

Os “espíritos-guias”, que se manifestavam nas experiências de Koons diziam ter vivido milhares de anos antes da época assinalada na história pela lenda de Adão e Eva; faziam-se chamar pelo nome genérico de Reis (*Kings*), porque se achavam na direção de diversas hierarquias espirituais. Acrescentaram que haviam recebido a missão de encaminhar os homens para a demonstração experimental da existência e da sobrevivência da alma. Disseram ainda que, levando em conta a falta de preparo espiritual dos homens, não viam outro meio para atingir o seu fim senão o de ferir antes a sua imaginação por meio de fenômenos psíquicos diversos e potentes e que, com esse

propósito, haviam reunido falanges de espíritos inferiores, muito materializados e atraídos pelo mundo dos vivos, porque só eles estavam em condições de manipular os fluidos que se desprendiam dos médiuns, empregando-os na produção dos fenômenos, sob a direção e a vigilância de espíritos superiores. Observarei aqui que o chefe dessas falanges de espíritos inferiores disse ter vivido na Inglaterra no tempo de Carlos II, de ter sido um famoso corsário de sobrenome Morgan e falecido como cavaleiro da Coroa Inglesa e governador da Jamaica. Nas experiências de Koons, tomara o nome de “John King”. Teria sido o mesmo que se manifestou mais tarde pela médium Srta. Florence Cook, declarando-se pai de “Katie King”.

Os “espíritos-guias” forneceram a Koons, além disso, as instruções necessárias para a construção de uma “máquina espírita”, com o fim de detectar e localizar a aura magnética dos médiuns e assistentes, aura indispensável para a produção das manifestações espíritas. É lastimável que os historiadores do Espiritismo tenham todos negligenciado de fornecer uma descrição detalhada do aparelho em questão, descrição que apareceu em uma revista da época, *The Spiritual Clarion*. Seria, com efeito, muito interessante se se possuíssem indicações suficientes a respeito. A sua reconstrução seria provavelmente eficaz para a produção de uma grande parte dos fenômenos mediúnicos, pois que se tem provas indubitáveis de que o aparelho se mostrou muito eficaz nas experiências de Koons. Sabe-se apenas que era composto de elementos de cobre e de zinco, dispostos de um modo assaz complicado. De acordo com as diretivas dos “espíritos-guias”, essa “bateria eletromagnética” foi colocada no centro de uma grande mesa de madeira, sobre a qual eram dispostos os instrumentos de música e todos os objetos a serem utilizados nas manifestações.

Registremos também que os “espíritos-guias” haviam fornecido a Koons uma receita para preparar uma solução fosforescente a ser colocada sobre a “mesa mediúnica” a fim de que as mãos materializadas pudessem mergulhar-se nela, tornando-se assim visíveis em todos os seus movimentos.

Antes de começar as suas novas manifestações objetivas, os “espíritos-guias” tiveram o cuidado de avisar que elas não tinham nenhum valor no ponto de vista da missão espiritual que lhes havia sido confiada, exceto como uma introdução necessária à missão mesma, que elas não estavam destinadas senão a impressionar os homens de maneira a abalar-lhes o cepticismo e a levá-los a refletir sobre os mistérios do ser. Em seguida, o chefe supremo dos “espíritos-guias” ditou, por meio da “escrita direta” uma longa mensagem, de elevado conteúdo, ao “círculo”, mensagem de que não me é possível reproduzir senão o começo e o fim. Ei-los:

“O espírito deste ser espiritual que se manifesta na Terra sob o nome simbólico de “King”, Servidor e Discípulo de Deus, deseja apresentar-se a Jonathan Koons e a todos. Eu vos escolhi para a realização dos meus fins por causa das faculdades mediúnicas, magnéticas, clarividentes que possuía e graças às quais os espíritos poderão exprimir, de viva voz ou por escrito, os seus pensamentos, sem expor muito a vê-los deformados pelas idéias preconcebidas dos médiuns ou mal transmitidas por causa de sua ignorância. Viemos ao vosso meio em conseqüência da necessidade urgente de novas verdades espirituais que hoje se manifestam entre os vivos. Não ignoramos que a nossa obra é repelida e condenada por um grande número de pessoas como uma armadilha de Satanás, desse Satanás que fazem questão de abominar, embora, na verdade, dele se sirvam constantemente para crucificar a Verdade, repudiando tudo o que contrasta com o seu pobre orgulho e os seus vãos preconceitos. Acreditais que eu me ufano por trazer a minha palavra aos vivos e ser ouvido? De modo algum, eu vos garanto e, no entanto, tenho a missão de tentar a prova, porque, se uma única ovelha desgarrada ouvir a minha voz e se dirigir ao redil da Verdade Espiritual, eu voltarei ao Pai Celestial que me enviou e lhe direi: “Minha missão está cumprida”.

Por vontade expressa das personalidades mediúnicas, as sessões se realizaram em condições de rigoroso controle e, com

esse fim, haviam ditado a disposição em que deveriam ser colocados os móveis, os objetos, os médiuns e os assistentes. Havia primeiramente uma grande mesa quadrada, no meio da qual era colocado o aparelho espírita; em torno dele ficavam os instrumentos de música e outros objetos a serem utilizados nas sessões. Vinha em seguida o tripé mediúnico, que era redondo e tinha um diâmetro de quatro pés. Dois médiuns e quatro experimentadores sentavam-se em semicírculo ao redor desse tripé, deixando livre o lado em que ficava a outra mesa. Finalmente, dispunham-se os outros assistentes em filas cerradas. A Sra. Emma Hardinge, o principal historiador desses fatos, aos quais assistiu, observa o seguinte:

“O quarto estava sempre cheio de gente, de modo que os assistentes cercavam os médiuns de todos os lados; por esse motivo o mínimo movimento de qualquer um deles seria logo percebido e qualquer esforço violento dos seus membros teria sido absolutamente impossível.”

Veremos, aliás, que a melhor prova em favor da autenticidade dos fenômenos é fornecida pela maneira como esses se realizavam.

Os principais instrumentos de música, colocados sobre a mesa grande, consistiam em dois tambores, uma harpa, uma guitarra, um violino, um acordeom, um pandeiro, um triângulo, uma trombeta e várias campainhas.

As manifestações podiam ser classificadas em duas categorias distintas: de um lado os fenômenos físicos e inteligentes, de uma força, de uma potência, de uma violência quase terrificantes; de outro lado os fenômenos físicos e inteligentes de natureza delicada, elevada, espiritual.

As sessões começavam quase sempre por batidas e ruídos estranhos, atordoantes, que podiam ser ouvidos em um raio de uma milha. Seguia-se uma alvorada formidável, tocada pelos tambores; em seguida fazia-se ouvir um ruído estridente, característico, produzido pela carga do “aparelho espírico”. Uma vez terminada a carga, faziam-se provas de força,

sacudindo, de modo violento, a forte viga de madeira da cabana, que oscilava ou estalava como se movida por um tremor de terra.

Era então a vez dos concertos musicais. Bastava que o médium Koons desse o sinal de abertura, tocando no seu violino. Logo todos os instrumentos entravam em ação, acompanhando a melodia que Koons havia entoado, guardando o ritmo, mas excedendo na potencialidade sonora das notas, levadas ao máximo que um músico humano pode atingir. Em outras circunstâncias, ao contrário, o concerto mediúnic decorria em melodias “celestiais”, desenvolvendo uma delicadeza de sentimentos que emocionava e entusiasmava o auditório. Por vezes, enfim, uma “voz espiritual” pedia o mais absoluto silêncio e ouviam-se então coros de vozes angelicais que pareciam chegar de remotas paragens, causando nas almas uma sensação incomum e profunda de misticismo e de mistério. Em seguida, esses coros pareciam aproximar-se lentamente até penetrar e ressoar no meio da sala. Seu efeito sobre o auditório era prodigioso e inesquecível, estando os seus narradores acordes em declarar que nada poderia dar uma idéia deles às pessoas que não os tinham ouvido.

Muitas vezes, quando os coros angelicais se faziam ouvir, o ar palpitava de pequenas chamas que volitavam de um lado para o outro com a agilidade e a volubilidade caprichosa dos insetos, mas com isto de especial: os seus movimentos seguiam o ritmo da música. Algumas vezes viam-se aparecer, no meio das chamas, mãos materializadas que tinham formas e dimensões diferentes e que deixavam cair sobre os assistentes folhas de papel pintadas com a solução fosforescente preparada por Koons. Essas mãos desciam, algum tempo depois, no meio dos assistentes que, graças ao papel fosforescente, estavam em condições de observá-las. Elas se deixavam apalpar livremente pelos experimentadores, entre os quais se achava às vezes o céptico exagerado que procurava segurar alguma delas, decidido a não deixar escapá-la, caso em que a mão se libertava prontamente, dissolvendo-se em vapor e se reconstituindo logo depois. Os que tinham contato com as mãos materializadas afirmavam, em termos concordantes, que elas pareciam em tudo

idênticas às mãos humanas, menos por esta distinção: eram frias como as de um cadáver.

A propósito do fenômeno interessante das mãos que se desfaziam em vapor para se libertarem do aperto de certos experimentadores, importa notar que *era a primeira vez* que esse fenômeno era obtido nos grupos espíritas. O mesmo fenômeno ocorreu, a seguir, repetidamente com o médium D. D. Home e em algumas circunstâncias com Eusápia Palladino.

Um outro fenômeno teoricamente muito importante era o do diálogo estabelecido entre os experimentadores e seus mortos, pela “voz direta”. A esse respeito observa a Sra. Emma Hardinge o seguinte:

“Deve-se notar que vários visitantes que haviam desejado conservar-se inteiramente incógnitos foram chamados pelos seus nomes pelas personalidades mediúnicas. Nessas circunstâncias, os visitantes em questão, com grande surpresa afirmavam ter perfeitamente reconhecido o timbre de voz e o acento pessoal do desencarnado que se dizia presente e que lhes fornecia indicações absolutamente verídicas e íntimas relativamente às suas existências terrenas. São essas provas, de natureza irrefutável, que servirão para convencer centenas de pessoas a respeito da presença real dos espíritos dos mortos.”

Para a história, importa observar que o fenômeno da “voz direta” foi produzido, no círculo de Koons, *pela primeira vez* desde o início do movimento espírita, o que faz com que essa série de experiências marque uma data importante nos anais do Espiritismo. Bem entendido, o fenômeno não era inteiramente novo, pois encontram-se fatos dessa natureza em todas as histórias e tradições dos povos a partir da mais remota antiguidade. Sabe-se também que ele sempre se verificou espontaneamente, freqüentes vezes nos “fenômenos de assombração”. Entre os povos selvagens, têm sido assinalados exemplos esplêndidos de “voz direta” obtida experimentalmente. O que constituiu uma real novidade foi o emprego de um porta-

voz para reforçar o volume das vozes dos espíritos, artifício que foi sugerido a Koons pelas personalidades mediúnicas.

No mesmo círculo foram também obtidas mensagens por “escrita direta”, a pedido dos experimentadores, casos em que, como já disse, podia perceber-se a mão fosforescente que escrevia. Eis um exemplo, escolhido ao acaso, entre as centenas que foram publicados. No relatório enviado à revista *The Age of Progress* pelo Sr. Stephen Dudley lê-se o seguinte episódio:

“Solicitei ao Sr. Koons pedisse aos espíritos para escrever uma mensagem para mim e logo um deles se apossou do papel e do lápis que eu havia depositado em cima da mesa. Devo dizer que me provera de papel de impressão, sem dimensões exatas e sem pautas, isto é, de papel diferente do que se pode achar nesse distrito afastado dos grandes centros ou, mais precisamente, que não se pode encontrar a não ser nas editoras. Havia também pensado em me prover de um lápis especial, que me fora fornecido pela Casa Flesheim, de Buffalo. O espírito colocou o papel bem defronte de mim e logo apareceu uma mão luminosa, indubitavelmente humana, que apanhou o lápis e começou a escrever com uma rapidez prodigiosa, que jamais a mão de um vivo poderia igualar. O papel, a mão e o lápis estavam tão perto de mim que eu poderia tocar neles sem sair do lugar, pelo que pude observar tudo de uma maneira completa e precisa. Meu vizinho estava de tal modo atento na observação do fenômeno que, em dado momento, aproximou mais sua cabeça. Então a mão que escrevia, com um movimento rápido, lhe deu com o lápis uma pequena pancada no nariz, provocando no curioso um vivo sobressalto de surpresa e de medo, em vista do que encolheu-se rapidamente. Alguém exprimiu o desejo de contemplar a mão mais de perto e essa depositou o lápis, adiantou-se, abrindo, fechando e movimentando os dedos, a fim de mostrar a flexibilidade das suas juntas e, ao mesmo tempo, a amabilidade do seu possuidor. Certa senhora, colocada um pouco longe, se queixava de não ver bem e a mão apanhou o papel, levou-o para defronte dela e escreveu várias linhas, para retornar em

seguida ao seu lugar. Quando as duas páginas de papel ficaram cobertas de escrita, a mão dobrou-a com cuidado e entregou-me com o lápis. Certifiquei-me de que o papel e o lápis eram bem os mesmo que eu tinha depositado sobre a mesa. Finalmente, a mão se mostrou sucessivamente a todos os assistentes, concedendo-lhes um aperto cordial. Um dos assistentes evitou, entretanto, tocá-la, certamente por timidez ou medo. Observamos todos que essa mão materializada era tão sólida quanto a de um vivo, porém mortalmente fria...”

Com isso termino a enumeração dos principais fenômenos que se produziam na “câmara espírita” de Jonathan Koons. Com efeito, seria inútil estender-me na descrição dos outros fenômenos menores, geralmente conhecidos, tais como os golpes desferidos em todos os cantos do quarto, os sopros de vento frio, os deslocamentos, as levitações de objetos, etc.

Pouca coisa restou das numerosas mensagens morais, didáticas, científicas e filosóficas redigidas por meio da “escrita direta”, pelo chefe supremo “King” e os outros espíritos que o assistiam. Os consulentes, com efeito, levaram consigo as longas mensagens obtidas. O Dr. J. Everett reuniu um certo número delas que publicou em um opúsculo do qual falaremos mais adiante. Jonathan Koons publicou, por sua vez, um resumo geral dos ensinamentos nelas contidos, que se revestem de um real interesse porque concordam, admiravelmente, com as conclusões às quais chegou-se hoje, relativamente à solução mais racional de alguns enigmas do mediunismo. No que se refere às condições necessárias para que os espíritos possam comunicar-se com os vivos, são muito instrutivas as observações seguintes. Escreve Koons:

“Numa longa comunicação dada por meio da “escrita direta” na “câmara espírita”, onde não se achava ninguém, lê-se que os espíritos, para se comunicarem com os vivos, empregam dois elementos principais. O primeiro é um elemento eletromagnético constituindo o substrato do “corpo etéreo” dos espíritos; o outro é a “aura física”, se desprendendo dos organismos dos médiuns e dos assistentes

ou que é subtraída a substâncias inanimadas, “aura” que corresponde ao que se chama de “força vital”. A combinação dos dois elementos em apreço dá lugar a um terceiro elemento eminentemente ativo, embora passível de sofrer a influência do meio e sobretudo das emanções dos organismos humanos. Quando as condições permitem que o elemento espiritual eletromagnético seja o mais forte, então os espíritos se acham em condições de triunfar sobre as leis de coesão e gravitação; podem assim dissolver e reconstituir toda substância com uma rapidez enorme ou levantar no ar, transportar objetos mais ou menos pesados, tocar instrumentos de música e assim por diante, tudo isso graças à força que se acumulou com a ajuda da “bateria eletromagnética”. Do mesmo modo saturando-se desse elemento, os espíritos ficam em condições de entrar em relação com os seres vivos, empregando o lápis e a pena, escrevendo mensagens e desenhando. É ainda assim que eles produzem golpes e ruídos, fenômenos vibratórios e ondulatórios, que realizam manifestações luminosas ou que condensam as vibrações sonoras de maneira a reproduzir a voz humana, falando e cantando.”

No que concerne à parte científica e filosófica dos seus ensinamentos, direi que os “espíritos-guias” não cessam de exortar os experimentadores a submeter ao controle da razão as mensagens mediúnicas que obtêm. Explicam, com efeito, que é muito difícil para um espírito transmitir, aos vivos sem nenhuma alteração, o seu pensamento, porque os órgãos cerebrais de que se servem não estão sempre em condições de assimilar as idéias espirituais que lhes são transmitidas, seja por causa da cultura geral deficiente dos médiuns ou dos preconceitos enraizados na sua mente. Além disso, os “espíritos-guias” insistem no fato de que a linguagem humana é um meio muito imperfeito para a transmissão de concepções espirituais... Acrescentam que os espíritos, situados há muito tempo nas Esferas, tendo adquirido o hábito de transmitir os seus pensamentos com o auxílio de meios bem mais perfeitos que a palavra, perdem o hábito de se exprimir pela linguagem humana. Observam, finalmente, que o

magnetismo dos médiuns limita e deforma os pensamentos transmitidos pelos espíritos, mesmo no caso da “escrita direta”, isso embora, aparentemente, toda participação das faculdades intelectuais dos médiuns, nessa operação, pareça estar excluída. Com efeito, a mão materializada, ainda que separada do organismo do médium, lhe está ligada por um cordão fluídico invisível e, salvo em raras circunstâncias, obedece à sua vontade. Quer dizer que a personalidade sonambúlica do médium é ainda a que registra e traduz, na linguagem humana, os pensamentos dos espíritos, transmitindo-a à mão que escreve.

Em resumo: os “espíritos-guias” afirmavam que as mensagens espirituais transmitidas aos vivos têm muito da mentalidade do médium, às vezes pela forma e às vezes pela substância, como as feições de uma forma materializada se assemelham quase sempre às do médium (esta última analogia é minha).

Examinando esses ensinamentos dos espíritos, ditados no decurso de 1852 a 1856, é curioso observar que a pesquisa moderna não conseguiu ultrapassá-los e ir mais longe. Nada de melhor foi obtido e se mantêm ainda idênticas conclusões quanto à explicação dos perturbadores enigmas próprios à investigação psíquica. Aqui vale acrescentar que, mesmo entre os investigadores mais competentes na matéria, há ainda um grande número que se recusa a acolher tais explicações, preferindo considerar o defeito de forma e conteúdo observados em certas mensagens teoricamente importantes, como provas de que as mensagens em questão não podem ser de origem espírita. Do mesmo modo, aproveitam-se da circunstância de as formas materializadas se assemelharem por vezes aos médiuns para acusá-los de fraude ou para, quando o controle é rigorosamente mantido, declarar que a forma materializada é, *em todos os casos*, apenas o duplo do médium. É, pois, útil recordar que desde os primeiros tempos do movimento espírita, as personalidades mediúnicas se preocuparam em responder, em termos adequados e racionais, às dúvidas teóricas engendradas pela maneira como se produziam certas manifestações mediúnicas.

Observarei que os “espíritos-guias” do círculo de Koons obviamente forneceram as explicações transcritas com a finalidade de justificar os defeitos de diferente natureza que se encontravam em suas próprias mensagens, nas quais os mais admiráveis ensinamentos de ordem moral, religiosa, científica e filosófica eram muitas vezes formulados em termos defeituosos. Verifica-se igualmente que os “espíritos-guias” tentaram, por várias vezes, explicar a natureza e a razão de ser do elemento elétrico do universo, assim como a natureza e a razão de ser do elemento magnético-vital nos organismos vivos, mas tiveram que renunciar ao propósito porque o seu pensamento era transmitido imperfeitamente, resultando as tentativas em um conjunto de frases desordenadas e indecifráveis, ainda que certos pensamentos cá e acolá bastem para revelar a alta significação científica que teria tido a mensagem se transmitida integralmente. Pelo contrário, quando se trata de assuntos menos árduos à mentalidade humana, os ensinamentos são formulados de modo mais feliz. É nesses últimos que se observa a eloquente concordância habitual com as conclusões às quais chegaram hoje vários pesquisadores. Koons escreve o seguinte a esse respeito:

“Entre outras coisas, os espíritos ensinavam que o “corpo carnal” é penetrado, em todas as suas moléculas, por um “corpo espiritual”; que é nesse último que residem a consciência e a inteligência; que, no momento da morte, a consciência e a inteligência, juntamente com o “corpo espiritual”, se distanciam do “corpo carnal”; que o primeiro conserva temporariamente a forma humana e as tendências e disposições que o caracterizavam quando vivo. Em outras palavras, eles afirmavam que tanto o “corpo espiritual” quanto o “Espírito” que o penetra, ainda que destinados a um progresso glorioso e eterno, conservam, depois da morte, as tendências virtuosas ou viciosas de que tinham dado provas durante a existência terrestre, o que faz com que o “corpo espiritual” pareça grosseiro ou sutil, denso ou sublime, radioso como o Sol ou tenebroso como a noite, em perfeita relação com as condições morais e intelectuais nas quais se passou a existência terrena.”

No ponto de vista religioso, os “espíritos-guias” ensinavam que um elemento de verdade existe em todas as religiões, que todas essas são igualmente respeitáveis e necessárias porque cada uma se adapta ao grau de evolução atingido pelo povo que a professa. Eles condenavam, pois, e denunciavam asperamente a intolerância religiosa e toda espécie de dogmatismo sectário. Foi esta uma das causas que atraíram para o círculo de Koons os ressentimentos e as vinganças do clero. Os ministros das diferentes confissões cristãs se puseram de acordo para caluniar e difamar Jonathan Koons e toda a sua família, excitando, em seguida, contra ele, hordas de fanáticos. Koons viu então a sua casa invadida por comissões criadas arbitrariamente e esses juízes inquisidores tudo vasculharam, procurando descobrir as supostas fraudes, e submetendo-o a interrogatórios humilhantes. Koons viu em seguida sua granja ser incendiada, destruídas suas colheitas, insultados e ameaçados sua esposa e filhos. Como se isso não fosse bastante, o comentário dos prodígios, produzidos em sua casa, tendo-se largamente espalhado nos Estados Unidos, atraiu sobre o infeliz as censuras e a cólera do misonéismo laico, começando pelos jornalistas e indo até aos sábios, fazendo todos o melhor por estigmatizar, com epítetos infamantes, a família Koons, que, segundo se apregoava, subtraía dinheiro aos imbecis e traficava com o mistério sagrado da morte. Tudo isso era dito e exercido contra um homem que acolhera sempre generosamente, em sua casa, hóspedes em grande número. Como a granja ficava perdida no meio do campo, ele, de contínuo, alojara e alimentara gratuitamente todos os seus hóspedes, até o dia em que, dois anos passados nesse sistema tão custoso de hospitalidade, se encontrara desprovido de recursos para viver.

A esse respeito deve-se observar que Frank Podmore, que, como se sabe, se obstinou durante toda a sua vida a reduzir a fenomenologia mediúnica inteira a simples telepatia, atribuindo precipitadamente as manifestações físicas e clarividentes, em massa, a fraudes dos médiuns (sem hesitar em insinuar suspeitas de fraudes mesmo em relação à personalidade íntegra de William Stainton Moses), deve-se observar, digo eu, que Podmore, quando chega, em sua história do *Modern Spiritualism*, às

manifestações do círculo de Koons, dele fala apressadamente e passa, a seguir, a outro assunto, sem fazer comentários e sem formular nenhuma insinuação contra a honorabilidade desse infeliz que foi Koons. É difícil de ler essa passagem da obra de Podmore sem experimentar surpresa. Parece incrível que o autor, apesar de sua ausência de escrúpulos, não tenha chegado a imaginar alguma insinuação de fraude capaz de sustentar-se em face da lógica. A coisa podia, aliás, ser prevista *a priori*, pois que era impossível infirmar as centenas de atas existentes, todas atestando a realidade dos fenômenos em termos precisos, eficazes e concordantes, tornando impossível explicar pela fraude as modalidades pelas quais se manifestavam os fenômenos. Como explicar, com efeito, pela hipótese da fraude, o episódio das mãos materializadas que se dissolviam nas mãos dos experimentadores? Como explicar o fenômeno da “câmara espírita” que era abalada em suas bases como que por um tremor de terra? Como explicar o fenômeno das pequenas chamas mediúnicas que volitavam no ar, seguindo o ritmo da música? Como explicar o fenômeno da “voz direta” no qual as personalidades dos defuntos conversavam com o timbre de voz e o acento pessoal que tinham quando vivos, fornecendo detalhes verídicos e íntimos sobre as suas vidas terrenas? Como explicar o fenômeno da “escrita direta”, obtido em um lugar hermeticamente fechado e onde não havia ninguém, graças ao qual se respondia a perguntas formuladas, no momento, do lado de fora? Como explicar o fenômeno dos concertos de música em um quarto isolado no jardim e que não se prestava à introdução de comparsas? Para doze instrumentos de música, doze músicos são necessários; e de onde viriam eles? De onde viriam os suaves cantores dos “coros angelicais” que emocionavam de tal modo os assistentes?

Segue-se de tudo isso que as manifestações do círculo de Koons marcam uma data importante na história do Espiritismo moderno. O devotamento com o qual Jonathan Koons se consagrou à propaganda da Verdade, olvidando os seus interesses mais essenciais e se submetendo a um *doloroso* martírio moral e material, merece ser recompensado,

transmitindo-se à posteridade seu nome cercado da gratidão eterna dos pesquisadores. O nome de Jonathan Koons tem, pois, direito a um lugar de destaque na história da nova Ciência da Alma.

Apêndice dos editores sobre o caso Jonathan Koons

Encerrando suas breves notas biográficas sobre Jonathan Koons, o pesquisador Dr. Nandor Fodor oferece um dramático quadro.

A casa pobre de Koons passa a ser apedrejada, seus celeiros, as searas, os estábulos, são destruídos pelo fogo, seus filhos, mesmo os pequeninos, são vítimas de ciladas e voltam para casa marcados por agressões físicas. A intolerância religiosa instiga os vizinhos, montanhese broncos e supersticiosos. Chega o dia em que Jonathan Koons não pode suportar mais. Reúne o que lhe resta, toma os filhos pelas mãos e parte. Deixa para trás o lar rústico e hospitaleiro, onde lhe tinham nascido os filhos; o jardim bordado de flores agrestes, onde construía a sua “câmara espírita”; atravessa as divisas de suas terras e envereda pelos ásperos caminhos do condado natal. Praticamente perdera todos os seus bens materiais, produto de longos anos de luta contra a natureza renitente da montanha, com seus invernos impiedosos e a rejeição da terra malferida pela civilização.

Todavia não está vencido. Vai começar sua vida de missionário, vai transmitir aos homens, seus irmãos, as verdades que os Espíritos Superiores lhe haviam ensinado. É homem rijo! Enquanto lhe restar um sopro de vida, Jonathan Koons vai proclamar as revelações espíritas.

De aldeia em aldeia, de cidade em cidade, a família Koons vai oferecer sua mediunidade ao exame do público, sem jamais receber a paga de um simples “penny”. “Dai de graça o que de graça recebestes!”

Pobre, muitas vezes incompreendido, na dolorosa solidão dos que decidem viver por um ideal, Jonathan Koons foi o maior propagandista que o Espiritismo teve nos dias heróicos em que um outro singelo povoado, Hydesville, abalava a opinião pública americana.

Na história do Espiritismo, como tantos outros pioneiros, Koons avança em suas veredas missionárias e desaparece no horizonte do tempo. Nenhum autor informa onde recebeu da

terra o lençol amigo para o seu corpo cansado. Mas Nandor Fodor sustenta que, recusando-se energicamente a vender suas excelentes faculdades, ensinando, pregando, deixando o público perplexo assistir às maravilhas do fenômeno mediúnico – só ele capaz de provar a mais alta verdade, a da sobrevivência, com todas as suas implicações, vivenciais e morais –, Jonathan Koons chegou ao seu amargo fim.

Os homens o esqueceram. Bozzano quis espantar esse olvido. Em 1931 nosso fundador, Cairbar Schutel, sensibilizou-se fundamente com o drama de Koons. Em 1932, em tradução de Ismael Gomes Braga, a Casa Editora “O Clarim” lançava a primeira edição desta obra, em língua portuguesa.

Trazemo-la de volta aos leitores modernos em impecável tradução do Dr. Francisco Klörs Werneck.

Este livro é uma homenagem a dois mártires espíritas: o primeiro é Koons, o segundo Larkin.

Essa Editora desejou completar-lhes as biografias. Sobre Koons fala-nos o Dr. Nandor Fodor com profundo respeito, em sua *Encyclopædia of Psychic Science*. E, no texto mencionado por Bozzano, o cáustico Frank Podmore.

Todavia, na estante de Cairbar Schutel, contendo preciosos clássicos espíritas, não encontramos uma única menção ao Dr. J. Larkin. A obra da extraordinária mulher, Emma Hardinge-Britten, *Modern American Spiritualism* encontra-se esgotada há mais de um século. Bozzano teve o original em suas mãos e é manifesto que se emocionou fortemente com o drama desse médico-da-roça, a tal ponto que, em sua *Breve história dos “raps”*, que integra este volume, não hesita em escrever: “Cumprido o dever de tirar de imerecido olvido o nome venerado do Dr. Larkin, precursor e mártir do moderno movimento espiritualista!” E, embora ocupando-se de Larkin na primeira parte de *Remontando às origens*, volta a focalizá-lo em doze páginas de sua monografia *Indagini sulle manifestazioni supernormali*.

Além das fontes mencionadas... o resto é silêncio!

J. Larkin! John? James? Joseph?

No panteão daqueles que sustentaram as primeiras lutas em favor do Espiritismo, muitos são os soldados desconhecidos. O Dr. J. Larkin é quase um deles. Entretanto, na história da Humanidade – dir-se-á um dia – nunca tantos deveram tanto a tão poucos!

* * *

Podmore e Fodor não concordam quanto ao nome do município onde residia Koons. O primeiro chamado *township of Dover*, o segundo, *Millfield Township*. É curioso que mencionem Athens County como um selvagem condado nas montanhas de Ohio e que, harmonizando-se talvez com documentos da época, ambos denominem o “quarto espírita” de “a loghouse”, isto é, uma construção levantada com troncos rústicos superpostos, tão própria a um “*wild district*” daquela época. É digno de menção igualmente que a casa da família Fox, em Hydesville, seja descrita como um “*cottage*”, isto é, pouco mais do que uma cabana de madeira. Assim sendo, ao inaugurar o Espiritismo, as entidades encarregadas da revolucionária mensagem desprezaram os locais faustosos, os centros civilizados, dando preferência, tal como Jesus o fez, aos ambientes onde predominavam a simplicidade e o desatavio.

Como arrimo ao estudioso espírita, apresentamos aqui a documentação de Podmore e Fodor.

Eis como Frank Podmore (*Mediums of the 19 th Century*) relata o caso Koons:

“... Mas, entre as maravilhas do tempo, poucas talvez excitaram maior interesse ou foram mais amplamente atestadas do que os acontecimentos ocorridos no “quarto espírita” de Jonathan Koons. Koons era um agricultor que habitava remoto e montanhoso distrito no município de Dover, Athens County, no Estado de Ohio.

No início de 1852 interessou-se pelo movimento espírita. Foi-lhe revelado em uma sessão que todos os seus oito filhos – e ele próprio em alto potencial – eram médiuns dotados de especial força mediúnica. Depois disso, por orientação dos espíritos, ele construiu, pouco além de sua casa, com troncos

de madeira, um salão com 16 x 22 pés (aproximadamente 5 x 7 metros), exclusivamente para servir à manifestação dos espíritos.

O cômodo era mobiliado com uma mesa destinada a efeitos mediúnicos e uma prateleira com tambores, triângulos, tamborins, outros instrumentos musicais e um determinado dispositivo feito de fios que, até onde pudemos verificar, nunca foi descrito com precisão, ligado a alguns dos instrumentos e tendo suspensas chapas de cobre recortadas em figuras de pássaros e outros objetos. Os médiuns – geralmente Koons e seu filho mais velho, Nahum, rapaz de 18 anos, ocasionalmente acompanhados por outros membros da família – assentavam-se em uma mesinha, em contato com a “mesa espírita”. Os assistentes, em número de 12 ou mais, sentavam-se em bancos, ao redor. Os médiuns ficavam entre esse círculo de pessoas e a mesa dos espíritos. Fósforo³ era espalhado em folhas de papel umedecido, para que os espíritos se iluminassem.

Então as portas e janelas eram fechadas, de modo a vedar qualquer luz, e apagava-se o lampião. Koons começava a tocar numa rabeca e os espíritos acompanhavam-no num concerto, no qual uma outra rabeca, tambores, guitarra, banjo, acordeão, harpa francesa, corneta e campainhas, triângulos, tamborins, etc., executavam suas partes. Algumas testemunhas parecem ter sido impressionadas mais pelo vigor do que pela excelência harmônica do resultado. Muitas declaram com orgulho que a melodia podia ser ouvida a uma milha de distância. Todavia a música é, às vezes, descrita como estranhamente bela e até mesmo celestial; por vezes um coro de vozes angelicais vinha juntar-se à música, mas as palavras do cântico eram raramente articuladas. O espírito que presidia, em seguida, dirigia-se ao grupo, empregando, para isso, uma trombeta ou corneta. Quanto às outras manifestações, o seguinte extrato pode dar uma clara idéia:

“O Sr. Koons então disse: – King, está muito quente aqui dentro; não poderias tomar o leque da Sra. Gage e abanar-nos?”

“Antes que ele terminasse de falar, o tamborim começou instantaneamente a soar em torno do cômodo. Tudo ocorreu tão rapidamente quanto um corisco, ocasionando uma forte corrente de vento e refrescando todos que se encontravam na sala. Então as folhas polvilhadas com fósforo foram erguidas e voavam em torno do aposento como faíscas de um relâmpago; e uma mão começou a se formar.

“Conversávamos com uma voz, enquanto esse processo prosseguia, e instávamos com nossos amigos espirituais para que escrevessem uma comunicação. Quando a mão ficou inteiramente formada, passeou através da sala, apertando ou tocando as mãos de muitos dentre nós. Ela apertou a minha e, em seguida, a mão de minha esposa. Ambos sentimos, perfeitamente, a sua forma. Então ela tomou folhas de papel e um lápis. Colocando o papel sobre a mesa, bem à nossa frente, começou a escrever com grande rapidez; Cobriu um lado da folha, virou-a, escreveu cinco linhas, após a assinatura, enchendo o resto do espaço com desenhos. Dobrou a folha e colocou-a na mão de minha esposa. Então volitou em torno da sala, movendo-se rapidamente da mesa para o forro, desferindo ali três ou quatro batidas que ouvimos distintamente, saltitou de cima para baixo, repetindo as batidas sucessivamente, um sem-número de vezes; depois passeou em torno da sala, parando e deixando-se ver por todos quantos demonstravam esse desejo. Depois voltou a volitar em volta do aposento, castanholando os dedos tão fortemente quanto um homem pode fazê-lo. Arremessou a folha de papel para o outro canto oposto do salão e disse: “Boa noite!” e foi-se embora. Então o Sr. Koons acendeu o lampião e minha esposa leu a mensagem que lhe fora dada pela mão do espírito.”

Precisamos ainda acrescentar que os espíritos, pelos quais essas manifestações eram produzidas, diziam-se pertencer a um grupo de homens pré-adamistas, em número de 165, de grande poder e sabedoria. Atribuíam-se o nome genérico de King. O célebre John King e sua não menos famosa filha,

Katie, amada por duas gerações de Espíritas em dois continentes, diziam pertencer a esse grupo.

Os fenômenos, ao que parece, foram bem acolhidos pelos espíritas, com a mesma morna fé com que foram aceitas todas as demais manifestações relacionadas neste capítulo. Robert Hare dedica várias páginas do seu livro à discussão dessas provas, o mesmo fazendo, posteriormente, a Sra. Hardinge-Britten. O periódico *Spiritual Telegraph*,⁴ desde o início dos fenômenos, acolheu cartas e artigos de correspondentes entusiasmados, descrevendo as maravilhas. Finalmente, um dos seus editores, Charles Partridge, em maio de 1855, viajou para Dover, assistiu a várias sessões e registrou suas experiências em uma carta que ocupou vasto espaço nas colunas do jornal.

No livro *Traité complet du Magnetisme Animal* (Paris, 1856), de du Potet, o autor menciona uma sessão assistida pelo Dr. J. Barthet, com a família Koons. Nessa ocasião, como um cumprimento à nacionalidade dos visitantes, uma das mensagens continha algumas palavras em francês (obra cit., pág. 517).”

O Dr. Nandor Fodor não tem as reticências e as leves ironias de Frank Podmore. O seu relato é o seguinte:

“Jonathan Koons foi um dos primeiros médiuns norte-americanos. Era um próspero agricultor em Millfield Township, Athens County, um selvagem distrito de Ohio. Interessou-se pelo Espiritismo em 1852. Em uma sessão foi-lhe dito que era um dos “mais poderosos médiuns da Terra” e que todos os seus oito filhos, desde o pequenino de sete meses, tinham dons mediúnicos. Koons construiu uma cabana de troncos de árvores com 16 x 12 pés, uma única sala, para uso dos espíritos e equipou-a com todos os instrumentos imagináveis, capazes de fazer barulho. Essa cabana logo tornou-se famosa e pequenas multidões demandavam de longas distâncias para presenciar a grande variedade de curiosos fenômenos que ali ocorriam.

O mais velho dos filhos, Nahum, de 18 anos, sentava-se numa “mesa espírita” e a assistência em bancos ao redor. Quando as luzes eram extintas, ouvia-se um pavoroso estrondo, o qual, muitas vezes, repercutia a uma milha de distância. Violentas manifestações de força logo se registravam sem que, contudo, nenhum dos presentes sofresse comoção ou ferimento pelos objetos que saraivavam, ou fosse alvejado pelas balas de pistolas deflagradas. Os assistentes eram tocados por mãos materializadas, as quais, à luminosidade de papéis impregnados de fósforo, eram vistas carregando objetos. Rostos de espíritos eram também vistos e, através de uma trombeta, que volitava no ar, vozes dirigiam-se aos presentes, chamando-os pelos nomes, mesmo quando estes ocultavam sua identidade. Parentes e amigos davam, dessa maneira, provas de sua sobrevivência.

O círculo era orientado por um grupo de espíritos que se diziam em número de 165. Afirmavam pertencer a uma raça de homens conhecidos sob o nome genérico de Adão (terra vermelha), antecedendo o Adão mencionado na teologia, em centenas de anos. Seus líderes seriam os mais antigos “anjos”. Um deles, que conduzia os trabalhos mais de perto, era chamado Oress. Geralmente assinavam as comunicações escritas com o nome de King 1, 2, 3, etc.; outras vezes como “Servo” ou “Aprendiz de Deus”. À frente deles encontrava-se o King (John), a respeito do qual, em outros episódios da história do Espiritismo, alegou-se ter sido Henry Morgan, pirata e, mais tarde, governador da Jamaica.

Duas ou três milhas distante, havia outra fazenda solitária, pertencente a um tal John Tippie.

Tippie construía uma câmara espírita sob o mesmo planejamento. As manifestações ocorridas com a família Tippie eram idênticas às observadas na cabana dos Koons. Ambos possuíam um aparelho que consistia num complexo dispositivo de zinco e cobre, construído, alegava-se, com o propósito de coletar e focar a aura magnética usada nas

demonstrações. Os Tippies tinham dez filhos, todos médiuns.”

O Dr. Evereth, de Athens County, que investigou os fenômenos ocorridos com os Koons, publicou as mensagens dos espíritos sob o título de *Communications from Angels* e fez imprimir um grande número de testemunhos testificando as ocorrências na “câmara espírita” e, além disso, uma espécie de mapa geográfico desenhado por Nahum Koons, em transe, o qual situava as zonas do mundo espiritual.

Charles Partridge, quando de sua visita à América, escreveu no *Spiritual Telegraph*, em 1855:

“Os “quartos-espíritas” comportam, cada um, cerca de 20 ou 30 pessoas. Depois que a sessão é aberta e as luzes são extintas, uma tremenda batida é desferida pela banquetta do tambor. Imediatamente os tambores baixo e tenor soam com sobrenatural poder, como que chamando para a revista-de-tropas, produzindo centenas de ecos. O ruflar desses tambores, rápido e tremendamente forte, é terrificante para muitas pessoas. Isso prossegue por 5 minutos ou mais e cessa. Usando, como de hábito, a trombeta, King saúda-nos, dizendo: “Boa-noite, irmãos!” E pergunta que manifestações em particular são desejadas. Depois de uma peça introdutória, executada nos instrumentos, os espíritos cantam para nós. Antes disso pedem que permaneçamos perfeitamente silenciosos. Depois ouvimos vozes humanas cantando, aparentemente muito à distância, de modo que são vagamente audíveis. O som gradualmente aumenta, destacando-se os grupos vocálicos, até que o coro inteiro canta de estranha maneira, dentro do cômodo. Penso que nunca ouvi harmonia tão perfeita.

Muitas vezes, em nossa presença, mãos e braços de espíritos formam-se e, com o auxílio de uma solução de fósforo preparada a pedido deles pelo Sr. Koons, são vistos tão distintamente quanto se estivessem expostos à plena luz.”

Eis como, no original, o Dr. Nandor Fodor deixa o ponto final na história da família Koons:

“Finalmente, eles deixam o distrito e se lançam em perambulações missionárias, durante vários anos. Sua mediunidade foi oferecida gratuitamente ao público e assim eles prestaram um grande serviço de propaganda à causa do alvorecer do Espiritualismo americano.”

2

O caso J. Larkin

Não temos necessidade de recordar aqui que as manifestações supranormais, em todas as suas formas, se registraram em todas as épocas e no meio de todos os povos. Não é também o caso de acrescentar que o mesmo aconteceu invariavelmente com todas as categorias de manifestações mais ou menos ocultas da natureza, que não chegaram a se impor definitivamente à atenção dos povos e dos eruditos e, por conseguinte, a se transformar em um novo ramo do saber humano senão quando os tempos estiverem maduros para acolhê-las. A tal respeito devo assinalar uma circunstância interessante: é que, chegado o momento em que deve aparecer uma nova ordem de manifestações, estas iniciam o seu surto muitas vezes em seguida a incidentes mais ou menos insignificantes ou banais, que teriam passado despercebidos em outros momentos e que, por isso mesmo, não fazem pressagiar a grande importância que as manifestações que veiculam estão destinadas a ter na história do progresso humano.

No que concerne aos fenômenos mediúnicos, vemos que no século que precedeu o nascimento do Espiritismo, assistiu-se à produção de grandes manifestações dessa natureza, que não conseguiram, entretanto, sacudir definitivamente a indiferença dos povos. É o que se pode dizer em relação às visões de Emmanuel Swedenborg, às diferentes experiências supranormais de Yung Stilling, Lavater, Eschenmayer, Zschoke, Eckartshansen, Schuman, Werner, Gassner, Oberlin. Igualmente com referência às famosas experiências do Dr. Justinus Kerner com a “Vidente de Prevorst” (um caso de primeira ordem e que agrupa quase toda a fenomenologia mediúnica), aos fenômenos tão importantes que realizaram espontaneamente de 1838 a 1848 em várias comunidades dos Quakers, às experiências autenticamente espíritas de Alphonse Cahagnet com a sonâmbula Adèle Maginot (1845-1848) e, finalmente, quanto às visões supranormais e os volumes de revelações transcendentais do célebre vidente norte-americano Andrew Jackson Davis.

De qualquer modo, os nomes desses precursores são conhecidos de todos e ficaram devidamente registrados na história do movimento espírita. Não se pode dizer outro tanto de um outro precursor absolutamente digno de ser lembrado e cujo nome permanece negligenciado, para não dizer esquecido, de todos. Quero falar do Dr. J. Larkin, um médico bem conhecido nos Estados Unidos, o qual, entre 1837 e 1848, fez pesquisas sobre o magnetismo animal, obtendo manifestações supranormais muito notáveis, cuja natureza, nitidamente espírita, leva a afirmar que, se tivessem sido divulgadas tanto quanto o mereciam, o movimento espírita, em lugar de datar das “batidas” de Hydesville, com as irmãs Fox, dataria das experiências magnéticas do Dr. J. Larkin.

Fala-se dele e das suas experiências nas revistas espíritas que apareceram nos Estados Unidos no começo do movimento. A revista *The Spiritual Telegraph* (1852-1857) reivindica para ele o direito de ser registrado entre os precursores mais notáveis do Espiritualismo Moderno. Entre os historiadores do movimento, a Sra. Emma Hardinge-Britten é a única a citá-lo em sua obra *Modern American Spiritualism*.

Eis, em resumo, a história do caso em questão.

Pelo ano de 1837, o Dr. J. Larkin, um prático da cidade de Wrentham (Massachusetts), começou a interessar-se pelos fenômenos do “Magnetismo Animal”, visando nele o que podia ser utilizado para tratamento das enfermidades. E não tardou a perceber que ele próprio era dotado do poder necessário a tornar-se operador.

No decurso de suas experiências metódicas, teve ocasião de observar que os seus sonâmbulos não somente eram capazes de diagnose, de prognóstico e de prescrições muito eficazes para o tratamento de seus doentes, mas que, de tempos em tempos, eles se aventuravam em excursões espantosas no passado e no futuro de seus pacientes.

Em 1844, uma jovem doméstica, chamada Mary Jane, que ele tomara ao seu serviço, passou a ter graves síncope que procurou tratar pelo magnetismo animal. Registrou primeiramente uma

melhora sensível nas suas condições de saúde, mas, após algum tempo, começou a mostrar-se clarividente, de forma a descrever minuciosamente a gênese e as fases atuais e futuras de sua própria doença e das moléstias dos clientes do doutor. Quando o Dr. Larkin deparava casos de enfermidades difíceis de diagnosticar, mergulhava Mary Jane em estado de sonambulismo por meio de passes magnéticos e logo a moça fornecia-lhe, minuciosamente, o diagnóstico da enfermidade, acrescentando a prescrição médica cujo efeito era infalível.

Até aí tratava-se apenas de experiências que o Dr. Larkin, por iniciativa própria, propunha-se obter. Mas sucedia produzirem-se outras manifestações absolutamente espontâneas, não intencionais, e que colocavam em sério embaraço o experimentador. Uma primeira variedade do gênero consistia na produção de batidas muito fortes, intimamente relacionadas com a fase especial do sono magnético, no decurso da qual Mary Jane se tornava clarividente. Mas o Dr. Larkin não chegava a compreender qual era a natureza desse relacionamento. De qualquer modo, notava que as batidas ressoavam nos móveis e objetos que se encontravam excessivamente longe da sonâmbula para que se pudesse supor que ela os produzia, o que era, aliás, confirmado pela circunstância de os seus membros se manterem constantemente imóveis. A única relação que ele podia estabelecer entre essa fase especial de sonambulismo e os fenômenos em questão implicava uma possibilidade que o médico se recusava a tomar em consideração, visto que envolvia a aceitação de certas afirmações da sonâmbula, segundo as quais havia ao lado dela uma “fada” operante, de beleza maravilhosa e de bondade angelical. Teria ainda de aceitar sem discussão a afirmativa de que a sonâmbula era, muitas vezes, cercada de uma multidão de outras “fadas”, semelhantes à “Katy”, embora menos resplandcentes e menos poderosas, e admitir que era “Katy” quem diagnosticava as enfermidades e indicava o tratamento adequado. Mais do que isso, a sonâmbula via em Katy o seu “anjo guardião”.

Entretanto, as perplexidades nas quais se embaraçava o Dr. Larkin para chegar a explicar esses mistérios não se limitavam a

isso. Ele assistia a manifestações que tendiam a fazer supor que a sonâmbula fosse muitas vezes tomada por influências inferiores e frívolas, em contraste gritante com as manifestações boas e elevadas já descritas. Com efeito, ao passo que, sob a influência de “Katy” a sonâmbula se mostrava amável e afetuosa, e ainda capaz de discutir as questões filosóficas mais difíceis e perturbadoras, acontecia ser tomada por uma outra influência muito vulgar, embora não essencialmente má. Nessas circunstâncias a sonâmbula se exprimia por frases rudes, entremeadas de ditos vulgares, assim como por uma gíria da pior espécie, enquanto ruídos assustadores ouviam-se no aposento, móveis agitavam-se, deslocavam-se, e objetos pesados eram transportados de um canto para outro. Em uma dessas circunstâncias, toda a família do Dr. Larkin acorrera para perto do leito da sonâmbula. Embora a porta do aposento permanecesse fechada, um pesado ferro de engomar, vindo da cozinha, caiu no meio deles. Ora, a cozinha situava-se na outra extremidade da casa.

Então a Sra. Larkin convidou a entidade operante a contar onde o tinha apanhado. O ferro desapareceu sob o olhar de todos e, ainda que as portas estivessem fechadas, foi encontrado de novo na cozinha.

Quando se pedia à sonâmbula explicações a esse respeito, ela respondia que as manifestações eram produzidas pela intervenção de um grumete que ela via a seu lado e que a obrigava a exprimir-se no seu jargão e a blasfemar como ele blasfemava quando vivo.

Certo dia o Dr. Larkin, com outros colegas da Faculdade de Medicina, foi a um banquete oficial que se realizou em um lugar situado a uma trintena de milhas de sua residência. Quando estava de volta, no meio da noite sua esposa pediu-lhe que fosse ao quarto de Mary Jane que espontaneamente havia caído no sono magnético e desejava falar com ele. Logo ao entrar foi saudado pelo “grumete” com uma grande explosão de riso, seguida de uma descrição humorística de todas as cerimônias a que havia assistido e de todos os incidentes verificados durante o jantar, entre os quais o seguinte: o guloso do Dr. Larkin ficara

contrariado duas vezes durante a refeição, a primeira porque o salmão estava quase cru e a segunda porque o porco assado acabara antes de chegar ao seu lugar na mesa.

Além de “Katy”, das “fadas” e do “grumete”, várias outras entidades se manifestavam, declinando seus nomes e justificações, indicando as regiões em que haviam nascido e falecido e fornecendo detalhes minuciosos sobre acontecimentos de suas vidas terrenas.

O Dr. Larkin, que era um pesquisador meticuloso e sistemático, transcrevia esses dados em um registro especial, no qual, no decurso de alguns anos, acumulou informações biográficas relativas a acontecimentos da existência terrestre de 270 espíritos de mortos, informes que se encarregava de investigar alternadamente, concluindo sempre pela veracidade dos dados obtidos, até mesmo nas circunstâncias mais insignificantes, o que triunfou sobre o seu cepticismo, levando-o à convicção de que espíritos de pessoas mortas se comunicavam por intermédio de sua sonâmbula, Mary Jane, conclusão que tinha a grande vantagem de resolver, definitivamente, outras questões de difícil interpretação até então impenetráveis à razão do Dr. Larkin. Esta, por exemplo: embora a sonâmbula fosse iletrada e desprovida de imaginação, quando falava sob a influência de certas personalidades, sua conversa tornava-se impecável pela forma e maravilhosa pela elevação do pensamento. Em outras ocasiões, ela mostrava possuir vocabulário tecnológico científico e filosófico.

Ainda que as personalidades dos mortos, que se manifestavam assim, pertencessem a todas as classes da sociedade, elas se mostravam acordes em exortar o médico a fazer conhecer publicamente as manifestações espíritas que se verificavam em sua casa e insistiam para que convidasse pessoas a assisti-las, porque, diziam elas, *havia soado a hora em que os homens deviam se convencer, pelos fatos da existência e da sobrevivência da alma. A esse propósito, elas prediziam o início iminente de uma época em que a humanidade inteira reconheceria a possibilidade de se comunicar com os espíritos dos mortos e em que essas comunicações seriam livremente*

praticadas em todas as regiões da Terra, época de transformação e de renovação para o progresso dos povos.

Apesar dessas exortações renovadas com persistência, o Dr. Larkin, com a aprovação de sua esposa, continuava absolutamente contrário à divulgação dos fatos e se guardava de convidar alguém para assisti-los, pois temia, com efeito, comprometer seriamente a sua reputação profissional, arruinando-se e arruinando a sua família. Foi então que o espírito do grumete imaginou o meio de obrigar o médico a se curvar à vontade das inteligências espirituais e esse resultado alcançou, ainda que de modo pouco confortável para a pobre sonâmbula, da qual ele deslocou, em um instante, os braços, os joelhos, os fêmures, reduzindo-a a um monte quase disforme de membros torcidos, sem que, todavia, ela experimentasse qualquer dano.

O Dr. Larkin, embora fosse um hábil cirurgião, viu-se impotente para colocar, nos seus lugares, todos esses membros contorcidos, tendo que chamar um dos seus colegas em seu auxílio. Quando os esforços dos dois práticos conseguiram reconstruir o corpo da sonâmbula e o cirurgião ajudante ia despedir-se, o “grumete” se manifestou de novo, ordenando ao segundo médico que não partisse. Tudo ia ser feito de novo. E isto dizendo, deslocou logo todos os membros de Mary Jane sob o olhar estupefato da nova testemunha. É preciso aditar que o fenômeno se renovou por várias vezes, disso resultando que o Dr. Larkin viu-se obrigado a deixar entrar em sua casa outras testemunhas. Não foi mais possível guardar segredo sobre o que se produzia e logo toda a região soube dos acontecimentos que ali se verificavam.

Como acontece comumente em tais circunstâncias, os cochichos sobre esses fenômenos autênticos, passando de boca em boca, se transformaram e se deformaram, ganhando feição de romances diabólicos e fantásticos, nos quais a calúnia e o escândalo se infiltraram malignamente, o que fez com que a reação clerical não tardasse a se fazer sentir vigorosamente. Assim começaram as primeiras perseguições contra a desgraçada família.

Em dezembro de 1847, nove senhores, dirigidos por um pastor protestante, se apresentaram no domicílio do Dr. Larkin, declarando-se representantes de uma Comissão de Inquérito constituída com o fim de investigar os boatos escandalosos que circulavam na cidade, envolvendo práticas ocultas que tinham lugar na casa. O Dr. Larkin, sem contestar a validade dessa arbitrária Comissão de Inquérito, embora sem aceitá-la, acolheu o grupo amistosamente e descreveu serenamente as fases evolutivas dos fenômenos que se produziam em sua casa, abstendo-se de os comentar. A Comissão não se satisfez com as suas explicações e se reportou aos boatos desagradáveis que circulavam na região, exigindo que o médico se declarasse culpado ou demonstrasse a sua inocência. O Dr. Larkin indignou-se com essas exigências e recusou responder, porém ofereceu-se a hospedar em seu lar, durante uma semana, duas ou três pessoas indicadas pela Comissão. O oferecimento era mais do que razoável, mas os seus membros não o aceitaram, declarando que pretendiam introduzir os seus inquisidores na residência do Dr. Larkin a qualquer hora do dia e da noite. E o fraco do médico rendeu-se às suas pretensões.

Resultou daí que, durante vários meses, a infeliz moça foi torturada dia e noite por toda sorte de imposições insolentes e audaciosas, por ordens peremptórias para que evocasse tal ou qual espírito indicado pelos inquisidores ou deslocasse os seus próprios membros ou ainda que reproduzisse, de imediato, os fenômenos de batidas, ruídos, deslocamentos de móveis, transportes de objetos. A tranqüilidade doméstica da desgraçada família não existia mais. Ninguém tinha o direito de cumprir os seus afazeres. Enquanto isso a reputação do Dr. Larkin suportava um rude golpe.

Não podendo suportar por mais tempo tais vexames, o médico reuniu finalmente um pouco de energia e declarou aos inquisidores improvisados que exigia se fizessem investigações sistemáticas, de maneira científica. Se não visse atendida a sua proposta, não permitiria mais que se introduzisse, na casa dele, quem quer que fosse. A firmeza do Dr. Larkin teve um feliz resultado, pois os inquisidores aceitaram a sua proposta.

Indicaram para uma empreitada de uma semana, o Rev. Thatcher e a sua esposa.

Esse pastor pertencia à ortodoxia mais rígida e se revelara um implacável adversário das práticas “tenebrosas” ocorridas na residência do Dr. Larkin. Desde a primeira tarde de sua chegada, propôs que as pessoas se reunissem em torno do leito da moça, enquanto ele fazia as invocações rituais. Mary Jane caiu em transe sonambúlico e orou a Deus em seu próprio favor com um tal fervor de sentimento e tanta elevação de pensamento que os olhos do pastor e de todos os presentes encheram-se de lágrimas. Começava-se sob felizes auspícios. Durante a semana de sua permanência na casa, o Sr. e a Sra. Thatcher tiveram numerosas oportunidades de observar toda a sorte de manifestações e assim declararam ao Dr. Larkin estar inteiramente convencidos da sinceridade e da pureza das suas e das intenções de sua família, bem como da autenticidade dos fenômenos supranormais que eram produzidos por intermédio da sonâmbula.

Limito-me a relatar uma única das manifestações à qual assistiram os representantes da Comissão de Inquérito.

Certo dia em que o Rev. Thatcher, com a sua esposa e o casal Larkin se achavam perto da cama de Mary Jane que, em estado sonambúlico, respondia aos seus pedidos, o reverendo tirou o lenço do bolso para assoar. Mas uma força desconhecida arrancou-lho das mãos e o lenço subitamente desapareceu. Ninguém se mexera no quarto e o olhar do reverendo estava, no momento, fixo na sonâmbula, o que demonstra que nenhum movimento dela lhe teria escapado. O Rev. Thatcher obtemperou que o incidente tinha certamente uma causa sobrenatural e que, se o fenômeno pudesse ser investigado de um modo correto, teria uma decisiva importância para o inquérito de que estava encarregado. Propôs então ao Dr. Larkin que se retirasse com ele para um outro cômodo, encarregando as duas senhoras de procurar o lenço, examinando com cuidado a moça, sua cama, suas roupas e o quarto todo. Assim se fez, com resultado negativo, depois do que as senhoras transportaram a jovem para um outro dormitório. O Rev. Thatcher e o Dr. Larkin deram, por sua vez, minuciosa busca no quarto, depois de tomarem a

precaução de fechar-lhe a porta. Quando ficaram bem certos de que o lenço desaparecera levado por uma força sobrenatural, as pessoas reuniram-se de novo em torno do leito da sonâmbula, tomada, no momento, pelo grumete, que exprimiu ruidosamente seu contentamento pela confusão geral, acrescentando que o lenço “ele o havia transportado para o seu país, a Alemanha”.

Então o Dr. Larkin evocou o espírito de “Katy”, que vinha quase sempre pôr ordem no tumulto das manifestações. E “Katy” se apresentou, mas, quando foi interrogada a respeito do lenço desaparecido, respondeu nada saber a respeito. Se desejavam reavê-lo a título de complemento de prova, deviam dirigir-se diretamente ao espírito que produzira o fenômeno. O Rev. Thatcher se interessou vivamente pelo fato e propôs que se seguisse o conselho de “Katy”. Evocou-se novamente o espírito do grumete, que, depois de ter-se divertido a expensas do comissário inquisidor e de ter-se feito rogar longamente, prometeu trazer de volta o lenço no decorrer da noite, por volta de 1:30 da manhã. No que concerne à hora incômoda fixada pelo grumete para a restituição, importa notar que, quando prometia alguma coisa, cumpria escrupulosamente a sua palavra, mas gostava de marcar encontros em horas tão incômodas para gozar, como um garoto, do transtorno que causava ao seu semelhante.

Desde o momento em que o grumete fez a promessa até o cumprimento da mesma, por um excesso de precaução, não deixaram a moça sozinha. Foi novamente revistada no seu leito, igual cuidado tomando-se em relação à cama. Em seguida, os experimentadores se colocaram em torno da mesma, revezando-se em algumas horas de sono. Por volta de uma hora da madrugada, o espírito de “Katy” se manifestou pedindo que todos se conservassem acordados, pois que os “espíritos” tinham a obrigação de devolver o lenço. Então as senhoras puseram a moça sentada na cama e estenderam os seus braços e mãos sobre os lençóis, em seguida ligaram os seus braços às barras da cama com dois guardanapos, de maneira a imobilizá-los. O grupo permaneceu de pé ao redor da sonâmbula, colocando-se o Rev. Thatcher aos pés da cama para melhor fiscalizá-la de frente. Em dado momento, fez-lhe uma pergunta e, isso fazendo, estendeu

para a frente a mão aberta, na qual inesperadamente surgiu o lenço desaparecido. Ouviu-se ao mesmo tempo a voz do grumete que, rindo estrepitosamente, dirigiu ao reverendo estas palavras: “Eu vos devolvo este pedaço de pano que quereis conservar.” Tudo foi obra de uma fração de segundo; um momento antes a mão do clérigo estava vazia e um segundo depois segurava o lenço desejado. Ninguém o vira chegar, pois tinha-se materializado na própria mão do Rev. Thatcher, que, imediatamente, consultou o seu relógio. Os ponteiros marcavam exatamente 1:30 da madrugada.

Alguns dias depois, o Rev. Thatcher enviou uma circular a todos os pastores protestantes da região, descrevendo-lhes os fenômenos aos quais havia assistido, confessando-lhes, circunspectamente sua convicção de que tinham origem sobrenatural. Esclareceu que o Dr. Larkin e a sua família não eram culpados de nenhuma fraude, de nenhuma mistificação, de nenhuma conivência, e que os fenômenos produzidos em sua casa eram dignos de “uma investigação científica séria e cuidadosa”, acrescentando que todo pesquisador tinha o dever de entregar-se a esses estudos com espírito sereno, despojando-se de toda prevenção, de toda idéia preconcebida, e pedia a formação de uma comissão de inquérito composta de ministros do culto.

É de presumir-se que uma declaração tão explícita em favor da autenticidade dos fenômenos, assinada por quem mais os combatera, resolveria definitivamente o infeliz debate. Mas aconteceu algo de contrário e pior. Os ministros do culto não se interessavam, de modo algum, em conhecer a verdade. Desejavam abafar, desde o seu começo, a novidade incômoda, para o que fazia-se necessário obter, a qualquer preço, uma retratação total do infeliz perseguido.

A Sra. Emma Hardinge conheceu pessoalmente o Dr. Larkin e recolheu, de seus lábios, a narrativa da indigna retratação a que se viu forçado, como se tivesse voltado ao tempo da Idade Média com as suas retratações religiosas e científicas impostas pelo Santo Ofício.

Eis, em resumo, o que ela escreveu a respeito:

“Nenhum dos interessados levou em consideração a circular do Rev. Thatcher e, alguns dias depois, o Rev. Horace James – cujo nome é digno de ser transmitido à posteridade por sua infâmia – avocou a si os poderes legais e civis necessários para liquidar a questão. Foi o verdadeiro difamador da família Larkin, cujo chefe quis aniquilar a qualquer preço. Convocou, então, três magistrados, bem como um grupo de pessoas contrárias às tão comentadas manifestações, e, com tais elementos, constituiu uma “Corte de Justiça” improvisada, perante a qual foi o Dr. Larkin convidado a comparecer. Quanto à infeliz Mary Jane, foi presa sob a imputação de necromancia e arrastada diante do tribunal. No decurso do processo, o Rev. Horace James exerceu, ao mesmo tempo, as funções de queixoso, de testemunha de acusação, de advogado da parte civil e também a de juiz, de modo que, quando o Dr. Larkin se dirigiu aos juízes para expor os fatos, o Rev. James o interrompeu com autoridade, perguntando à Corte se ela estava “disposta a acreditar em uma só palavra do que ia dizer o acusado”. Os juízes, “sábios e imparciais”, responderam prontamente: “Certamente que não. Não levaremos em conta o que vai contar”. Em vista disso o Dr. Larkin compreendeu, sentou-se tristemente, renunciando a defender-se e, dirigindo-se aos juízes, observou: “Neste caso, perdeis o vosso tempo abrindo um processo cujo julgamento foi feito por antecipação”.

A infeliz Mary Jane foi declarada culpada de necromancia e, embora fosse uma doente, viu-se condenada a dois meses de prisão, em cela reservada, na cadeia de Dedhan. Não se achando no Código Penal nenhum artigo que pudesse condenar o Dr. Larkin, foi-lhe infligida uma penalidade moral que, em face da época e da região em que tudo isso se passou, importava em sua ruína: foi expulso da Igreja à qual pertencia, até que se decidisse a fazer uma retratação completa das práticas sacrílegas nas quais havia tomado parte. Tudo isso significava o *Anathema Maranatha* para o Dr. Larkin, isto é, a sua ruína profissional, comercial, social...

O pobre do médico agüentou, com força d'alma, a sua desgraça por mais de um ano, mas o absoluto isolamento social em que vivia, sua ruína profissional, uma doença que atingiu a sua esposa, acabaram por abater a sua coragem, de modo que terminou por pedir aos seus perseguidores que lhe apresentassem o documento de retratação. Ele assinaria!

Alguns dias depois, o Rev. Horace James chegava com o documento fatal. Antes de o assinar, o médico achou-se no dever de lê-lo. Exigia-se que declarasse ser falso que os espíritos dos mortos pudessem comunicar-se com os vivos por meio de sinais, sons, vozes ou do sono sonambúlico e que todas as provas que ele, Dr. Larkin, havia apresentado, nesse sentido, eram falsas; e que agora, arrependido, decidia, solenemente, confessar a verdade.

Lendo tal infâmia, o infeliz médico dirigiu-se ao Rev. James declarando que acreditava firmemente na comunicação dos mortos com os vivos, fato verificado centenas de vezes, que renovava ainda uma vez mais a declaração de sua convicção firme e inabalável. Sendo esse em consciência, o seu estado de espírito, era impossível que o Rev. James quisesse exigir dele a assinatura de uma peça que o transformaria em um vil mentiroso em face do próprio Rev. James e que, além disso, torná-lo-ia indigno de levar o nome de cristão. O reverendo limitou-se a observar friamente que a assinatura dessa peça era o único caminho que lhe restava para voltar ao seio da Igreja e da sociedade. Toda discussão era inútil. O Dr. Larkin lançou a assinatura que lhe era extorquida, declarando que havia assinado a mentira mais infamante de todos os tempos e que o próprio Rev. James deveria envergonhar-se em acolher, no seio de sua Igreja, um perjuro tal como ele também se fizera. Isto dizendo, tombou em uma crise terrível de soluços e de desespero, porém o Rev. James não se comoveu. Imperturbável, recolheu o papel assinado e se foi, tomado de satisfação triunfal. Na manhã do dia seguinte, soube-se que o Dr. Larkin voltava a ser membro da Igreja Metodista, depois de, honesta e conscienciosamente, ter renegado tudo o que sustentara outrora.

Alguns meses depois, a Sra. Larkin falecia e o médico, tendo necessidade de reconforto, retomava as suas experiências com a sonâmbula Mary Jane, obtendo admirável série de manifestações da morta. Apesar do Rev. James e da infâmia por ele cometida, essas sessões serviram para convencer numerosas pessoas da realidade incontestável das comunicações entre os vivos e os mortos. Entre eles contavam-se não somente vários membros da congregação do Rev. James, mas, igualmente, algumas outras pessoas que haviam representado importante papel nas perseguições contra o Dr. Larkin e na sua condenação.

O espírito da morta prometera ao marido que o guiaria e protegeria afetosamente durante os anos que lhe restariam de peregrinação na Terra e manteve a sua palavra. Entre outros episódios, seus avisos serviram por duas vezes para salvar a vida do médico e de vários dos seus amigos, fazendo-os evitar que se achassem em dois desastres de estrada-de-ferro que se verificaram, quase simultaneamente, no território.

* * *

Não nos esqueçamos de que um ano depois, verificaram-se, numa região vizinha, os famosos *raps* de Hydesville com as irmãs Fox, os quais marcaram a aurora definitiva do neo-espiritualismo, o que bem demonstra que as mais ferozes perseguições obscurantistas, calculadas com o fim de empanar a verdade, não atingem o seu propósito e que não servem senão para criar mártires, o que constitui uma lei impenetrável dirigindo a evolução espiritual humana.

Notas:

- ¹ Bozzano escrevia em 1925. (N. E.)
- ² Bozzano denomina os espíritos comunicantes “*personalità medianiche*”. Em 1940 publicou uma monografia com o título *Personalità medianiche che si dichiarano Personalità subcoscienti*. (N. E.)
- ³ Fósforo é um pó.
- ⁴ *Spiritual Telegraph*, 1852-1860, semanário americano fundado por S. B. Brittan e Charles Partridge. Em 1860 fundiu-se no *Herald of Progress*, fundado por Andrew Jackson Davis, médium e pioneiro espírita conhecido como o João Batista do Espiritismo. (N.E.).